

LUX IN PRÁXIS

*Prospecção de elementos potenciadores da práxis marxiana
na exposição diderotiana*

Ruben G. Nunes

À GUISA DE INTRODUÇÃO

Diderot e Marx: iluminismo e marxismo: *lux et praxis* - que relações há? É certo que o Mouro Mordechai num jogo de "confissões" em família declara como seu escritor favorito nada mais, nada menos, que - Diderot. É certo também que Hegel, de inegável influência em Marx, apreende na sua análise da *Aufklärung*¹ a notável emergência histórica da consciência dialética, manifestada no *Neveu de Rameau* de Diderot, traduzido por Goethe alguns anos antes do aparecimento da *Fenomenologia*. Uma emergência, aliás, que surge não a partir de elocubrações filosóficas abstratas, "but that it grows naturally from the actual moral problems of the day", nas palavras de Lukács². Com efeito, o diálogo de Diderot mostra a dialética não só como

1 Hegel, 1939-1941: VI, B, b, pg. 93 e seqs.

2 Lukács, 1975: IV, 3, pg. 495.

um puro produto de teorizações da consciência subjetiva, mas também como um produto do desenvolvimento da consciência social. Teoria e prática articuladas, portanto. É certo, ainda, que o próprio Marx acorda com Engels quando este considera que o pensamento francês, superando as estreitas fórmulas metafísicas dominantes no XVIII, consegue "criar obras mestras de dialética como, por exemplo, *O Sobrinho de Rameau*, de Diderot, e o estudo de Rousseau sobre *A origem da desigualdade dos homens*."³

Mas que relações substantivas há na interface ontológica Diderot-Marx? Que elementos conceituais marxianos já se antecipam em Diderot?

Ao freqüentar o curso pós-graduação de Filosofia Política do prof. Roberto Romano, durante o primeiro semestre de 91, na Unicamp, percebi que: a partir de uma abordagem *sui generis* sobre determinados aspectos da temática diderotiana estas relações se tornaram mais evidentes. Em outras palavras: das questões de fundo levantadas por Romano, a partir do texto diderotiano, efluíam pontos não só altamente instigadores, mas também potencialmente compatíveis com elementos conceituais constitutivos da temática marxiana - tais como, a dialética e a práxis. Resumo tais questões:

- A relação: razão prática/razão pura - que nos remete à problemática atualíssima de como colher o *simultâneo*.

- *Simultâneo ou sucessivo?* Ou simultaneidade, momento infinitesimal da sucessão, dependendo do ponto de vista observacional?

- Razão pura, razão prática? Diferença formalizada, diferença não-formalizada? Processo eliminador de diferenças (não contradição, identidade, 3º excluído) - verdades *depiladas*?

- Ou processo *conjuntor-de-diferenças-em-fluxo*? Verdades velozes, simultâneo-sucessivas, *dia-léticas*?

- Mas, então, como manter *simultânea-sucessiva* a tensão *uno-múltiplo*?

- Como articular sucessivamente *razão pura-prática* - numa razão instrumentadora de ações objetivas de sujeitos sociais?

Ecce puncta.

Dessa massa de pontos acima resumidos o que se tira? Numa primeira visada, tira-se a possibilidade frutuosa dos textos de Diderot, a partir de um trabalho dinâmico sobre eles. Mais especificamente: tira-se a possibilidade de fazer refluir idéias carregadas de motivações peculiares que nos levam a questões e caminhos prenunciadores de certas categorias marxianas - como a da *práxis*, entre outras. Cito, com ênfase, a *práxis* por dois motivos: a) ser uma das categorias centrais do pensamento de Marx, tal como conceituada nos *Manuscritos Econômicos Filosóficos de 1844* e nas *Teses sobre Feuerbach de 1845*; b) ser uma das categorias marxianas cuja interpretação conceitual tem sido das mais controversas entre os próprios marxistas.

³ Engels, 1979: prefácio da 2ª edição, pg. 9 e introdução, pg. 19.

Conseqüência instigante e imediata das constatações e motivações acima: a importância da prospecção de elementos potenciadores do conceito de práxis em Marx, detectáveis na exposição diderotiana. E é justamente esse o tema que proponho, a nível introdutório.

Mas qual o alcance dessa prospecção? Em primeiro lugar, a busca em si das pontas radiculares históricas do pensamento marxiano, para um mais amplo e claro conhecimento do "marxismo de Marx". Em segundo lugar, porque tal estudo mesmo a nível introdutório como esse, permite surpreender - *se desenvolvendo ao mesmo tempo* - no interior do próprio desenvolvimento do pensamento burguês do XVIII, as ferramentas conceituais que no século seguinte irão paradoxalmente negar tal pensamento.

Como desenvolver, em nível introdutório, o tema?

A idéia é - a partir do quadro-referência marxiano do conceito de práxis exposto sinteticamente nas *Teses*, prospectar elementos antecipadores em Diderot analisando os seguintes textos: a metáfora da *Máquina de fazer meia* (verbete "bas" da *Enciclopédia*), como texto-base; trechos das exposições *Le Neveu de Rameau*, *Suplemento à Viagem de Bougainville ou Diálogo entre A e B*, e ainda o ensaio *Diderot, Penélope da Revolução*⁴, como textos de apoio.

Tal desenvolvimento do tema é, como já foi dito, introdutório, preliminar, *à vol d'oiseau*. Um aprofundamento maior, assaz necessário, careceria de um conhecimento mais fundo e integral da obra de Diderot; privilégio que não temos.

Desenvolvo o tema em duas partes:

- A TRINDADE MARXIANA - nessa parte inicial, a partir da leitura das *Teses* (principalmente as teses I, II, III, V, VIII e XI), extraio e apresento, sucintamente, o que se pode chamar de - as triplices coordenadas marxianas do conceito de práxis.

- A TRINDADE DIDEROTIANA - nessa parte final, e também de forma resumida, extraio da dinâmica da *Máquina de fazer meia* diderotiana um triplice conjunto de elementos que antecipam a trindade marxiana.

É certo que pode-se encontrar nos textos de Diderot acima citados e no ensaio de Roberto Romano, indicações entrelinhadas de vários outros elementos antecipadores da práxis marxiana, vistos de perspectivas diferentes: a educação, a moral, o conhecimento, a religião. E, especialmente, no *Le Neveu de Rameau*, a práxis como *páthos* - concepção riquíssima esta: ampliadora da paixão, do sentimento, da afetividade, como articuladores da *inspiração, da invenção, do trabalho, na construção da arte - epiphânias*.

⁴ Ensaio de Roberto Romano publicado na revista da USP, 1989.

techne, poiesis. Conjugação articulada de *ingenium artis passioni*: paixão articulando prática: *praxis*. Espírito teórico e espírito prático automovidos articuladamente por humano-impulsos: *razão e paixão, razão e vontade, razão e trabalho, razão e vida* - por isso, impulsos nem irracionais, nem simplesmente racionais, mas marcados por uma *transcendência objetiva transformadora*. Espírito teórico e espírito prático entretecendo entrelaçados a Realidade bruta, *humanizando-a*. Por acaso essa *paixão articulante* não lembraria algo do "espírito teórico como vontade de energia prática", que salta do texto abaixo do Marx-filósofo?

"Constitui uma lei psicológica o fato de que o espírito teórico que se torna livre em si mesmo se transformar em energia prática, sair como *vontade* do reino das sombras do Améti e voltar-se contra a realidade mundana que existe sem ele."⁵

Nesse trabalho, entretanto, restrinjo-me particularmente ao referencial metafórico da *Máquina de fazer meia*. Texto do qual efflui uma tríplice dinâmica que estou chamando de *trindade diderotiana*, fundada na busca-recolhimento-articulação do *verdadeiro, do bom e do belo*; e, na qual pode-se verificar elementos antecipadores da *praxis marxiana*.

Eis aí, nossa proposta de trabalho.

Aqui, um esclarecimento necessário: a constatação de que em determinados textos de Diderot podem ser detectados elementos antecipadores de categorias conceituais marxianas, não pode ser entendida como um argumento válido de que o marxismo seria uma consequência do iluminismo diderotiano, mesmo pelo viés de Hegel. Isso seria hipostasiar absurda e superficialmente o processo conceitual do marxismo. Contra essa possível interpretação esdrúxula lembro que os principais mananciais influenciadores do marxismo - as idéias de Hegel e Feuerbach - só se concretizaram como influências frutuosas, após um notável esforço crítico de Marx. Esforço crítico crivado tanto no campo teórico daqueles autores, quanto no confronto deste campo com a prática sócio-econômica-histórica. Particularmente, com relação ao conceito de *praxis* não se pode esquecer a própria contribuição de jovens hegelianos. Entre estes cito o Conde August Von Cieskowski com seu livro *Prolegômenos à Filosofia da História (de 1838)*, onde preconizava uma filosofia como *praxis*, i.é, como "um pensamento concebido, como Fichte desejava, sob a forma de uma vontade actuante, na sua oposição permanente com a realidade viva."⁶. Cito ainda, Moses Hess com suas

5 Marx, Ed. Global: pg. 30

6 Droz, 1977: vol. 2, pg. 580

permanente com a realidade viva."⁶ Cito ainda, Moses Hess com suas obras *A triarquia européia*(de 1841), e *Filosofia da Ação*(de 1843)⁷, onde defende que a tarefa da filosofia do espírito é tornar-se uma filosofia da ação. Diga-se, a propósito, que essa exigência de uma filosofia nova, sintetizadora da teoria e da prática, essa "prática teórica", já é presentida por Marx desde a sua tese de doutorado(1839-1841), embora ainda dentro de uma perspectiva idealista - "a prática da filosofia é em si mesmo teórica. É a crítica que mede a existência individual com a essência, a realidade particular com a idéia. Mas essa realização imediata da filosofia é, na sua essência mais íntima, fomentada por contradições; e essa sua essência toma forma na aparência e lhe imprime sua marca."⁸ Deste modo, a importância de possíveis raízes marxianas em Diderot é, simplesmente, a constatação de um entre outros fios elementares que vão compor a complexa trama do marxismo, emergindo da tessitura mental iluminista-burguesa e a contraditando.

Que - *Práxis* - a deusa da culminação, da ação crucial e do orgasmo, continui iluminando a Filosofia.

Lux in Práxis.

Natal, julho de 94

A TRINDADE MARXIANA

Para Marx o Homem é um *ser da práxis*. O que significa isso? Nos *Manuscritos de Paris* (1844) há, entre outras, duas passagens nas quais Marx caracteriza com vigor esse *homem-práxis*:

"Non seulement dans la pensée mais avec *tous* les sens, l'homme s'affirme donc dans le monde objectif."⁹

"... le subjetivisme et l'objectivisme, le spiritualisme et le matérialisme, l'activité et la passivité ne perdent leur opposition, et par suite leur existence en tant que contraires de ce genre, que dans l'état de société... la solution des oppositions *théoriques* elles-mêmes n'est possible que d'une manière *pratique*, par l'énergie pratique des hommes, et que leur solution n'est donc aucune-

6 Droz, 1977: vol. 2, pg. 580

7 *idem, idem*, ver ainda na *Idiologia Alemã*, as referências a Moses Hess contidas na crítica a Bruno, a Stirner, a Grün, e ao socialismo verdadeiro"(Marx/Engels, 1974: II, III, IV)

8 Marx, global editora: IV, pg. 30; e Hobsbawm, 1987: vol.1, pg. 178

9 Marx, 1972: Troisième Manuscrit (propriété privée et contrainisme), pg.93

ment la tâche de la seule connaissance, mais une tâche vitale réelle"¹⁰

A *praxis* é, pois, uma "tarefa vital real" que engloba teoria e prática, pensamento e sentidos. E mais: é uma característica ativa específica do Homem, que o torna diferente dos animais ou de um robot. A atividade não-humana (a de um animal, por exemplo) seria, então, uma atividade fechada em si, circular, imediata. O ato humano como *praxis*, ao contrário, se abre ao mundo; é, *ao mesmo tempo*, ato particular e ato universalizador, flui da consciência e da individualidade para a autoconsciência e para a socialidade, e destas para aquelas, articulando internamente o gênero humano, e articulando este com os outros gêneros - numa atividade articuladora vital, genérica e universal, própria da vida no registro humano.

Escutemos Marx:

"L'universalité de l'homme apparaît en pratique précisément dans l'universalité qui fait de la nature entière son corps *non-organique*, aussi bien dans la mesure où, premièrement, elle est un moyen de subsistance immédiat que dans celle où, [deuxièmement], elle est matière, l'objet et l'outil de son activité vitale. La nature, c'est-à-dire la nature qui n'est pas elle-même le corps humain, est le *corps non-organique* de l'homme. L'homme vit de la nature signifie: la nature est son *corps* avec lequel il doit maintenir un processus constant pour ne pas mourir." (Manuscritos de 1844, Primeiro, XXIV)

Esse entrelaçamento da atividade humana com o meio, com os semelhantes, essa simbiose entre Homem e Natureza, entre interior e exterior, entre *morfose* e *metamorfose*, enfim, esse processo multiconector do Homem nas suas várias dimensões com o *oikos* nas suas várias dimensões - é que torna a atividade do gênero humano *uma praxis*, i.é, uma atividade livre, universal, autocrativa, sócio-individual, intelectual-sensitiva, objetiva, vital, ontológica: - "tarefa vital real".

Ser um *ser da praxis* - o que significa então?

Significa existir num processo *sócio-ontológico vital* - homem/natureza - cuja dinâmica é, *ao mesmo tempo*, universal e particular, teórica e prática; processo que pode ser assim sintetizado:

¹⁰ idem, idem, pg. 94.

- o Homem com todo seu ser(intelectivo, psíquico, sensitivo: ("Non seulement dans la pensée mais avec *tous les sens...*") *recolhe* os elementos do mundo;

- e, com o material colhido, seja por necessidade primária, seja por necessidade secundária, *produz* objetos, coisas, valores(materiais e imateriais);

- que *transformam* o mundo em mundo humano, a vida em vida humana, o tempo em história humana - e, a si mesmo em corpo orgânico autoconsciente.

Recolher, produzir, transformar - triádica verbal significadora da dinâmica radical e necessária do trabalho produtivo humano, trabalho vital.

Recolher, produzir, transformar - ousa afirmar: verbos "sócio-ontológicos", que expressam fases inconcussas de *ações vitais da práxis humana*, fluindo necessariamente do Homem diante da Natureza; ações que põem, ações que repõem e ações que recompõem a vida, nos seus múltiplos níveis.

Recolher, produzir, transformar: 3 momentos-processos básicos que articulam e sintetizam o vir-a-ser do Homem criando seu mundo objetivamente, buscando vida. Momentos que, a meu juízo, constituem radicalmente as trípticas coordenadas marxianas do conceito de *práxis* - sua *kinetikè dynamis*.

Todas essas conclusões sobre a *práxis* podem ser extraídas de uma análise acurada de trechos densos dos *Manuscritos de 1844*; refiro-me, particularmente, ao *Primeiro Manuscrito, XXIV*, e ao *Terceiro Manuscrito, V a XI*. Corroborando essa leitura dos *Manuscritos*, é possível extrapolar das *Teses sobre Feuerbach, de 1845* um interessante "scheme-way" que torna ainda mais plausível essa minha tese da triádica verbal marxiana. Triádica que representa verbalmente a dinâmica radicular da *práxis*.

Com efeito, de uma leitura atenta das *Teses* (e com ênfase as de nº I, II, III, V, VIII e XI), dois pontos saltam significativamente do texto: *a)* que a idéia central do texto é: o papel decisivo da *práxis* na vida da sociedade; *b)* a preocupação pontual de Marx em delinear sinteticamente o conceito de *práxis* como "prática social" exteriorizada a partir de "sujeitos-individuais-em-relação". Esse conceito, aliás, pode ser "pinçado" logo de início na Tese I, onde Marx configura a *práxis* como:

- "ATIVIDADE HUMANA SENSÍVEL";
- "ATIVIDADE OBJETIVA";
- "ATIVIDADE REVOLUCIONÁRIA", "PRÁTICO-CRÍTICA"

A "*atividade humana sensível*", segundo o texto, é um ato humano objetivo de apreensão do existente, da realidade, do sensível. Mas aqui atenção para os termos dessa apreensão, que assesta uma crítica ao

materialismo vulgar, inclusive o materialismo de Feuerbach. A apreensão do mundo como "atividade humana sensível", como "praxis", significa apreendê-lo:

. não como objeto ou intuição abstratos, materialidade em si, simples dado estático separado da vida, "empirismo vulgar"; - não ("não subjetivamente") - acentua Marx - i.é não só objetivamente;

. mas como objetos postos por sujeitos-em-relação, concretos em-si e para-si, algo como um empirismo ampliado e crítico ("*prático-crítico*") que engloba a experiência interior, a reflexão, e a experiência exterior, a sensação, i.é, tanto a consciência subjetiva(razão), quanto a consciência objetiva (processo sócio-histórico), sintetizadas na auto-consciência; ou seja: objetos entranhados/extranhados na e da realidade pela *atividade-objetiva-de-sujeitos-em-relação*.

Assim, nesse registro de ato de apreensão através do *sensus* humano - "atividade humana sensível" - a *praxis* é uma *atividade de recolhimento* amplíssima que abrange tanto o sujeito-indivíduo, quanto o sujeito-social, e o intrincamento de suas relações nos processos sociais.

Segue-se a "atividade objetiva" - a *objetivação* - que é o *produzir* novos objetos, novas relações, desde uma "*prática social*" e com uma meta, uma finalidade, uma determinação, uma necessidade, um interesse, enfim, com um objetivo - a partir do processamento do que foi recolhido pela "atividade humana sensível". Esse, pois, o desdobramento da *praxis* como ação social de *produzir*, i.é, como "atividade produtiva", delineado por Marx.

E, por fim, a aplicação dessa produção social na modificação das circunstâncias e de si mesmo é uma *atividade de transformação*; processo crucial cuja significação "só pode ser apreendida e compreendida racionalmente como *praxis revolucionária*." (*Tese III*).

Temos aí, pois, a trindade marxiana balizadora do conceito de *praxis*. O quadro abaixo resume essa análise:

- . *praxis* como "ATIVIDADE HUMANA SENSÍVEL"
- . atividade subjetiva e objetiva de sujeitos-em-relação;
- . ação de *recolher-processando* objetos e relações (materiais e/ou imateriais)
- . *praxis* como "ATIVIDADE OBJETIVA"

- . atividade determinada segundo necessidades/interesses vitais;
- . ação de *produzir-processando* objetos e relações determinados (materiais e/ou imateriais - a objetivação)
- . *praxis* como "ATIVIDADE REVOLUCIONÁRIA"
- . atividade síntese efetivadora das anteriores;
- . ação de *transformar-processando* o uso/aplicação dos objetos e relações produzidos, com a finalidade de desenvolver a "tâche vitale réelle".

É a partir, pois, destas trindades conceituais extraídas do texto marxiano, que proponho detectar elementos antecipadores em Diderot.

Note-se, como já foi dito acima, que a atividade conjunta *recolher-produzir-transformar* dinamiza o desenvolvimento da "tâche vitale réelle" do Homem. Sucede que tal *dinamis* se dá num processo no qual a relação "razão pura-razão prática" se resolve - não puramente num momento estático, acabado, formalizado - mas num *desenvolvimento* que se ativa numa tensão sincrônica, num contraponto de câmbios, recâmbios, ultrapassagens e reprocessamentos, do simples ao complexo e destes a novos níveis de simplicidade e complexidade; enfim, numa tensão *dialética*.

Assim é que, *recolhendo* elementos determinados da realidade em-si e para-si, através da "atividade humana sensível", o Homem os processa universalmente *produzindo* ("atividade objetiva") objetos mentais e/ou materiais e/ou institucionais que reprocessados, articulados e aplicados produzem, por sua vez, uma nova conjunção de elementos; i.é, *transformam* a realidade em-si e para-si ("atividade revolucionária"), adaptando-a à sua "hominidade" e, possibilitando assim a efetivação da continuidade vital.

A TRINDADE DIDEROTIANA

Ouçamos, agora, as marcantes palavras de Diderot, através do sobrinho de Rameu:

"O Verdadeiro, o bom e o belo têm seus direitos. Podemos contestá-los, mas, por fim, passamos a admirá-los. O que não estiver cunhado nesses metais pode ser admirado durante certo tempo, mas depois acabamos bocejando. Bocejai meus caros senhores! Bocejai sem cerimônia! À vontade! O império da natureza e de minha trindade, contra a qual as portas do inferno não prevalecerão jamais, firma-se suavemente - o verdadeiro, o Pai que engendra o bom, o Filho, donde procede o belo, Espírito Santo. O deus estrangeiro coloca-se humil-

demente ao lado do ídolo do país. Fortifica-se pouco a pouco. Um belo dia, dá uma cotovelada em seu companheiro e, catapum! lá vai o ídolo abaixo. Parece que foi assim que os jesuítas implantaram o cristianismo na China e nas Índias. E os jansenistas podem esbravejar à vontade: em minha opinião, esse método, que atinge o alvo sem alarde, sem derramamento de sangue, sem mártires e sem arrancar um fio de cabelo, é o melhor¹¹

ABRO PARÊNTESE. Penso ser importante, de início, esclarecer como interpreto o conceito de *Verdadeiro* em Diderot. Isto porque, na perspectiva de Rameau, é a partir de "o verdadeiro, o Pai" que tudo o mais é gerado. E é desse ponto que se alavanca nossa prospecção.

Parece-me que, longe de ser uma contraposição formal ao *Falso*, rigidamente engessado pelo absolutismo da não-contradição; longe, ainda, de ser uma simples junção "verdadeiro-falso", dialética pobre e também formal - o conceito de *Verdade* em Diderot nos transmite um alargamento riquíssimo desta categoria do pensamento diante da realidade. A *verdade* parece emergir de uma luta *sui generis*, entre *mores*. "Geralmente a grandeza de caráter resulta do equilíbrio natural de várias qualidades opostas."¹², afirma Rameau. Uma luta, pois, subreptícia, suave, uma espécie de jogo, um equilíbrio, um feixe de entrelaçamentos culturais, onde se registra "*harmonias nas dissonâncias*" e vice-versa. Nas palavras iniciais de Diderot, apostas acima, o caso do cristianismo é emblemático: a História tem registrado invariavelmente a interpenetração das crenças postas em confronto, a paulatina formação de um sincretismo religioso, a adaptação cultural. A "cotovelada" não é um simples nocaute, é mais uma articulação, um amplexo metódico do mais forte sobre o mais fraco, uma dominação tolerante. Nessa perspectiva, dogma, ética e estética - Pai/verdade, Filho/bom, Espírito Santo/belo - se auto-engendram, trocam "figurinhas culturais". E, nessa reciprocidade complexa configuram uma *dialética do engendramento vital*, a própria *praxis*.

A meu juízo, a *Verdade* diderotiana se configura, fundamentalmente, num processo de trocas e tensões entre a *ordem natural* e a *ordem social* (e destas entre si). Processo esse "objetivado-subjetivamente" ao bom e ao belo; e no qual *conseqüência, transparência e metamorfose* são permanentes características básicas. Ou seja, "*o verdadeiro*" não é uma declaração de estado de uma realidade estática - mas uma relação processiva dessa realidade, articulada por sujeitos e

11 *O Sobrinho de Rameau*, pg. 370 (*Os Pensadores*)

12 *O Sobrinho de Rameau*, pg. 366 (*Os Pensadores*)

articuladora de sujeitos que durante o processo se tornam cientes e conscientes dessa permanente reciprocidade, motilidade e tensão ordenada. Em *O Sobrinho de Rameau* (e no *Diálogo entre A e B*, como veremos mais adiante), há várias colocações que parecem confirmar nossa interpretação. Cito uma:

"Oh! não temais. O ponto importante e difícil que deve preocupar realmente o pai não é dar ao seu filho vícios que o enriqueçam, ridículos que o tornem precioso para os grandes. Isto todos fazem, se não sistematicamente como eu, pelo menos pelo estudo e pelo exemplo. O ponto fundamental é ensinar-lhe a justa medida, a arte de esquivar-se da vergonha, da desonra e das leis. É preciso saber situar, preparar e salvar as dissonâncias na harmonia social. Nada mais sem graça do que uma seqüência de acordes perfeitos. É preciso algo espicacante que separe o feixe e disperse os raios."¹³

FECHO PARENTÊSE.

O verdadeiro, o bom, o belo - analisemos essa trindade diderotiana que aparece acima. Que nos diz as colocações iniciais de Diderot? Transpira do texto que o Homem sempre acaba por admirar aquela trindade que vai se estabelecendo "suavemente" no espírito humano, na sua vida social. Em suma: o Homem tende para o verdadeiro, para o bom, para o belo. Além disso, há um engendramento hierarquizado: a verdade engendra o bom, este engendra o belo.

O que significa esse engendramento?

Ora, a metáfora da "verdade" como um "Pai", como um criador, como um engendrador, significa a emergência de uma entidade e instância social - "*o ser Pai*" - onde se *recolhe, sintetiza e processa* os elementos da Vida que vão engendrar a "verdade"; e, com esta, *produzir* o "bom"; e, com este, *transformar* o mundo: humanizando-o, construindo o "belo". *Ecce punctus.*

Temos aí, então, uma conjunção articulada de "sujeito-objeto", de "razão pura/razão prática", de "homem-natureza-espírito" - *ao mesmo tempo*. Conjunção dinâmica que se manifesta numa atividade múltipla de engendramentos de sujeitos-em-relação: *recolhendo-produzindo-transformando* a Realidade. Engendramento, pois, caracterizado pela multifacetagem que, em última análise, é o protótipo espectral da pura *praxis*.

¹³ *O Sobrinho de Rameau*, pg. 374 (*Os Pensadores*)

O Homem, então, é um ser cuja natureza mais profunda é exteriorizada pela sua *praxis*. Assim, Homem e Natureza se autoprocessam como instâncias engendradas e engendradoras de uma *ontologia social*, campo do trabalho produtivo vital.

Não é por acaso que, no *Diálogo entre A e B (ou Suplemento à Viagem de Bougainville)*, Diderot coloca na boca de Oru, o nativo, um espanto crítico ao ouvir do capelão a concepção de seu Deus. Oru, então, chama a esse Deus revelado de grande obreiro "que fez tudo sem mãos, sem cabeça e sem instrumentos". Ora, para o nativo é inconcebível um Deus que não seja um Deus natural; i.é, a natureza na sua externalidade imediata, que cria o Homem Natural, que por sua vez, semelhante a esse Deus, trabalha com a cabeça, com as mãos, com instrumentos, para criar sua vida na comunidade tribal. Percebe-se ainda aqui, em Diderot, a preocupação com a trindade engendradora exposta antes pelo "sobrinho de Rameau": o pai, a verdade, como Natureza criadora; o filho, o bom, como o Homem trabalhador comunitário; o espírito santo, o belo, como a cultura comunitária tribal. E como é o tipo de atividade desse Deus e Homem Natural? Ambos trabalham "com a cabeça, com as mãos, com instrumentos, para criar sua vida na comunidade". Ou seja: *praxis*.

Oru, que articula intuitivamente sua ordem tribal com a ordem natural, harmonizando pelo trabalho social as contradições do meio, numa busca do bem comunitário; Oru, *naturalmente*, um ser da *praxis*, assim prescreve a diferença entre bom e mau:

"Queres saber, em todos os tempos e em todos os lugares, o que é bom e mau? Apega-te à natureza das coisas e das ações; à influência de tua conduta sobre tua utilidade particular e o bem geral. Estás delirando, se crês que haja algo que seja no alto, seja embaixo, no universo, que possa acrescentar ou subtrair às leis da natureza. Sua vontade eterna é que o bem seja preferido ao mal, e o bem geral ao bem particular."¹⁴

Assim, o Homem na sua *praxis*, na sua articulação produtiva natureza-sociedade-cultura, no seu engendramento "verdadeiro-bom-belo", tende para esse Deus-Natureza-Homem: *recolhedor, recolhido, criador, criado, produtor, produzido, transformador, transformado, logos e ingenium*.

Ou seja: o homem-social *recolhe-processa* o meio e o *transforma* em *objetos humanizados*: artefatos, valores, teorias, leis, instituições, artes,

¹⁴ *Suplemento à Viagem de Bougainville*, pg. 442 (*Os Pensadores*)

éticas, máquinas, técnicas, engenhos, mitos, visões, enfim, *culturas* (ou "*espírito*", no sentido hegeliano).

E não é justamente essa imagem da práxis "orusiana", que se repete com mais precisão metafórica na "*máquina de fazer meia*", de Diderot? E não parecem ambas as imagens antecipações radiculares da trindade marxiana?

O homem-social *recolhe-processa* o meio e o transforma em meia. Tece, fia, concebe, interliga - simplicidades e complexidades. A própria máquina, extensão engenhosa do homem, acionada por este, nos parece, na sua dinâmica, uma justa representação da práxis humana, *práxis méchané*, que nas palavras de Perrault, citado por Diderot, nos leva a "un profond étonnement à la vue des ressorts presque infinis dont la machine a bas est composée, et du grand nombre de ses divers et extraordinaires mouvements."¹⁵

Mas o que é a *machine a bas* de Diderot?

Escutemos Diderot: "Le métier à faire des bas est une des machines les plus compliqués et les plus conséquentes que nous ayons... on peut regarder comme un seul et unique raisonnement dont la fabrication de l'ouvrage et la conclusion... régnent-il entre ses parties une si grande dépendence qu'en retrancher une seule, ou altérer la forme de celles qu'on juge moins importantes, c'est nuire à tout le mécanisme... on se promettrait en vain quelque connaissance de la machine entière, sans entrer dans le détail et la description de ces parties... La liaison des parties demanderait qu'on dit et qu'on montrait tou à la fois; c'est qui n'est possible, ni dans le discours, où les choses se suivent nécessairement, ni dans les Planches, où les parties se couvrent les unes les autres."¹⁶

Aprofundando nossa reflexão sobre a *machine a bas* diderotiana notamos que a sua práxis méchané parece comportar, em termos gerais, 3 atividades basilares:

- "o recolhimento" - processo de inserção da matéria prima;
- "a produção" - processo de fiação, tecelagem, de articulação
- "a metamorfose" - processo de prontificação do produto, transformação da *natureza em meia*, e transformação do mundo com um novo objeto cultural-humano.

À imagem e semelhança da práxis humana a "*máquina de fazer meia de Diderot*", nas suas 3 instâncias sequenciais de práxis mecânica, e

¹⁵ in Roberto Romano

¹⁶ Romano, 1989, pgs. 27, 28

dentre cada uma delas, parece espelhar inequivocamente a trindade diderotiana, exposta no *Sobrinho*:

- "a verdade" - no recolhimento, no abastecimento, no ajuntamento, de sua matéria prima, que é seu conteúdo eficaz, sua *verdade-fundamento*;
- "o bom" - no seu funcionamento produtivo de "trabalhar" a matéria prima, processando-a objetivamente;
- "o belo" - na transformação final da matéria processada em produto acabado, segundo sua determinação inicial: *produzir meia*.

Lógico que estas categorias são eixos básicos da "trindade diderotiana", a partir dos quais se pode prospectar comparativamente as características da *praxis*. Está claro que seus significados conceituais metafóricos, como aqui expostos, tomam no cotidiano da atividade fabril, outras formas terminológicas técnicas que se introjetam no trabalho como qualificações específicas mais concretas e mais diversos, tais como: eficiência, rapidez, produtividade, precisão, economia, etc.

A máquina de fazer meia de Diderot é, pois, uma representação geral e genial, não só da atividade cerebral do homem, mas de toda sua atividade social. Lógico que me refiro à descrição acima da máquina, extraída do verbete próprio da *"Encyclopédie, ou Dictionnaire raisonné des arts et des métiers"*, editada por Diderot e D'Alembert, de 1751 a 1766, com 20 volumes. Nesse sentido, pode-se falar da *machine a bas* como uma metáfora da *praxis humana* excelentemente expressa por uma *praxis méchané*. A ferramenta, a máquina, sempre é bom lembrar, aparece na história humana como uma extensão do próprio Homem, uma ingente auto-ajuda para sua continuada e extenuada instalação no *oikos*. É o "instrumento", que articulado com a "cabeça" e com as "mãos", integraliza a força de trabalho produtivo de ORU, o homem-natural, imagem e semelhança de seu deus-natural, como nos narra Diderot. A máquina "amiga" do homem. A *techne*, uma articulação de *logos* e *ingenium*, que expande as possibilidades da vida humana, desenvolvendo sua *praxis*.

ABRO PARÊNTESE. Aqui surge uma questão interessante que vale a pena pelo menos anotar, uma vez que seu desenvolvimento necessitaria um estimulante estudo à parte. A questão é:

Qual então a diferença dessa máquina de Diderot, engenho criador, para a máquina de Chaplin, em *Tempos Modernos*, engenho alienador?

Com efeito, esta última uma *praxis méchané* que aliena, escraviza, perverte, aleija, entorpece, embrutece. Máquina tornada não só extensão do sujeito, mas "senhor" do sujeito.

Que faz, a máquina, esse genial instrumento da *práxis* humana tornar-se escravizadora do Homem, como em Chaplin? Que a faz "inimiga" do Homem?

O modo de produção na qual está inserida? Esse modo de produção capitalista? No qual o Homem não se encontra livre diante da Natureza livre para executar livremente seu trabalho produtivo vital?

Com efeito, no padrão capitalístico, primacialmente, o Homem está fragmentado em "homens-donos-da-natureza"(proprietários) e "homens-sem-natureza"(trabalhadores). Fragmentação trágica e traumática para a vida social: desde o nível econômico até o nível ético, ninguém é livre naturalmente, todos são livres artificialmente, alienadamente. Os "proprietários", dependem dos "trabalhadores" para extrair produtos da "sua" Natureza, as mercadorias. Os "trabalhadores" que não estão diante simplesmente da Natureza de todos, mas diante da Natureza dos "proprietários", produzem produtos que não lhes pertencem, pois são dos "proprietários" antes mesmo de serem produzidos: produtos estranhos, hostis ao trabalhador, que o domina, como a máquina de Chaplin. Nessa mediação fragmentada entre Homem e Natureza, os "proprietários" se destroem entre si disputando a Natureza, o que inclui a massa "trabalhadora": no fundo tudo é *mercadoria e lucro*. Os "trabalhadores", por sua vez, se autodestroem na sua *"tâche vitale réelle"* de sobrevivência em busca de um salário mínimo que os mantenha com energia suficiente para produzir nas "máquinas de Chaplin". A "verdade", o "bom" e o "belo", adquirem significações lógicas precisas: o "capital", a "mercadoria", o "lucro", sendo que o Pai, o engendrador, é o *capitalista*. Não há outros horizontes fora disso. A não ser para os "proprietários" que estão ganhando, no momento, a "guerra do lucro". A estratégia dessa "guerra" tem 2 lógicas: a famosa "lei do mercado", e a astuciosa "lei da manipulação do mercado". Do domínio dessas duas lógicas depende a *"tâche vitale réelle"* do capitalista e a reprodução de seu mundo éticamente trágico - um modo de *práxis* pervertida, alienadora, *dyspraxia*. FECHO PARÊNTESE.

Dessa reflexão sobre a máquina de Diderot reflui, sem dúvida, elementos potenciadores e antecipadores da trindade marxiana, balizadora de seu conceito de *práxis*.

Com efeito, a "*atividade humana sensível*", a "*atividade objetiva*", a "*atividade revolucionária*", estão respectivamente inseridas *ab ovo* na *práxis* mecânica do recolhimento, da produção e da metamorfose, dos fios que alimentam a máquina de fazer meia de Diderot. E mais: todas essas instâncias representativas da *práxis* exteriorizam a racionalidade e a sensibilidade inerentes ao Homem. Capacidades essas - *ratio et sensus* - que não permanecem em si, apartadas do mundo da vida, como um espectro; mas que, se externalizam buscando/articulando/objetivando, entre si e para si, no

trabalho social, os fios elementares genuinamente *verdadeiros, bons e belos* que vão trançar o tecido social da *vida humanizada*. Dinâmica própria da natureza humana, como natureza universal - imitada na *machine à bas* de Diderot.

Flui do texto da *Encyclopédia*, acima exposto, o que chamamos de *dialética do engendramento vital*: o recolher, o produzir, o transformar: o verdadeiro, o bom, o belo: a atividade: sensível-objetiva-revolucionária: *práxis*.

Flui do texto da *machine à bas* Conhecimento e Vida: *práxis*. Romano bem apreende essa conjuntura e vale ouvir suas argutas palavras: "Raras dialéticas pós-hegelianas poderiam fornecer daquele modo de filosofar, um conceito mais rigoroso e completo, justo a partir deste comparativo da máquina tecelã... Círculo entre conhecimento e sua exposição. Como dizer um Todo discursivamente? Ou através de imagens discretas? Diderot apanha o arcaico ato comparativo entre escrita, no plano do significante, e significado, letra e espírito. Problema que atormenta a filosofia, enquanto gênero literário, de Platão a Marx."¹⁷

Enfim, flui do texto que descreve a máquina de fazer meia, instâncias inequívocas que remetem metaforicamente ao plano do Pensamento, da Sensibilidade e da Realidade, *ao mesmo tempo*; como uma ligação trifásica; como uma máquina de "carne-osso-consciência-espírito", engendradora não de fios de meia, mas de fios de *vida social humana*, entrelaçando-se segundo as clivagens do verdadeiro, do bom e do belo.

Ou seja: efui do texto referenciado da *machine à bas*, de Diderot, uma configuração imagética do Homem como ser genérico, como ser universal, como um ser que necessariamente ativa uma mediação com a Natureza através de seu trabalho produtivo, objetivando sua "*tâche vitale réelle*"; enfim, uma mediação como *ser da práxis*, segundo o aporte marxiano:

"Mais la vie productive est la vie générique. C'est la vie engendrant la vie... L'homme fait de son activité vitale elle-même l'objet de sa volonté et de sa conscience. Il a une activité vitale consciente... Par la production pratique d'un monde objectif, l'élaboration de la nature non-organique, l'homme fait ses preuves en tant qu'être générique conscient, c'est-à-dire en tant qu'être qui se comporte à l'égard du genre comme à l'égard de sa propre essence, ou à l'égard de soi, comme être générique... L'homme sait produire à la mesure de toute espèce et sait appliquer partout à l'objet sa nature inhérence;

¹⁷ idem, idem.

l'homme façonne donc aussi d'après les lois de la beauté." (*Manuscrits de 1844, XXIV, pg. 62, 63, 64*)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- DIDEROT, Denis. *Oeuvres Completes*, vol 5, Assézat & Tourneux, Garnier Freres, Paris, 1966.
- DIDEROT, Denis. *Os Pensadores*, vol. XXIII, Abril Cultural, SP, 1973.
- DROZ, Jacques. *História Geral do Socialismo*(6 vols.), Horizonte, Lisboa, 1977.
- ENGELS, Friedrich. *Anti-Dühring*, Paz e Terra, RJ, 1979.
- HEGEL, G.W.F. *La Phénoménologie de l'Esprit*, Éditions Montaigne, Paris, 1939-1941
- HOBSBAWM, Eric J. *História do Marxismo* (12 vols.), Paz e Terra, RJ, 1983.
- LUKÁCS, Georg. *The Young Hegel*, Merlin Press, London, 1975.
- MARX, Karl. *Diferença entre as Filosofias da Natureza em Demócrito e Epicuro*, Global, SP, sine data.
- MARX, Karl. *Manuscrits de 1844*, Editions Sociales, Paris, 1972.
- MARX & ENGELS. *La Ideologia Alemana*, Pueblos Unidos & Grijalbo, Barcelona, 1974.
- ROMANO, Roberto. *Diderot, Penélope da Revolução*, Revista da USP, (março/abril/maio), SP, 1989.